

As fronteiras identitárias no primeiro centenário da Colônia Amola-Faca (Virmond)

The identity borders on the first centenary of the Colônia Amola-Faca (Virmond)

Selma Antonia Pszdzimirki Viechnieski

Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: Este artigo trata da questão identitária na constituição da Colônia Amola Faca, hoje município de Virmond, uma colônia de imigrantes poloneses, fundada em 1921, localizado a 340 Km de Curitiba, capital do estado do Paraná, sendo cortado pela BR 277, em direção a Foz do Iguaçu. A fé católica, a nacionalidade, a polonidade se constituem nos laços que estruturam a identidade da colônia. Assim como os demais grupos étnicos, os poloneses vão delinear uma nova vida, marcada por experiências que vão situar sua própria existência, sua família e seu grupo de pertença. O tratamento da identidade se dá com a compreensão de que a mesma está entrelaçada com a cultura, ambos os termos em constante transformação. O estudo da identidade étnica apresenta relevância para a compreensão do fenômeno do multiculturalismo no contexto da globalização e das tensões que se apresentam. Toda discussão está pautada especialmente no estudo de publicações de jornais do período, traduzidas para este fim, e em fontes orais, com entrevistas de imigrantes e descendentes, além de literatura especializada. **Palavras chaves:** Imigrantes Poloneses; Cultura; Identidade.

Abstract: This article deals with the identity issue in the constitution of Amola Faca Colony, today Virmond, a colony of Polish immigrants, founded in 1921, located 340km from Curitiba, capital of the state of Paraná, being cut by the BR 277, towards Foz do Iguaçu. The catholic faith, the nationality, the polanity constitute the bonds that structure the identity of the colony. Like other ethnic groups, the poles will outline a new life, marked by experiences that will situate their own existence, their family and the group they belong. The treatment of identity occurs with the understanding that it is intertwined with, both terms in constant transformation. The study of ethnic identity is relevant for understanding the phenomenon of multiculturalism in the context of globalization and the tensions that present themselves. Every discussion is based especially on the study of period newspapers, translated to this end, and in oral sources, with interviews of immigrants and descendants, besides specialized literature. **Keywords:** Polish immigrants; culture; identity.

Introdução

Pensar identidade é pensar nas muralhas derrubadas e nas outras tantas construídas, utilizando por vezes resquícios daquilo que se acredita ser sua origem, mesmo que sua origem dificilmente possa ser precisada. Para Montes (1996, p. 56), identidade é um processo de construção que não é compreensível fora da dinâmica que guia a vida de um grupo social em sua relação com outros, se faz presente na diferença, nos traços que cada grupo apresenta. Assim, percebemos que é impossível pensar a identidade como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas, também a identidade não é fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção dentro de um contexto.

Neste mesmo contexto precisamos ter presente o entendimento de cultura que, conforme Geertz (2008), é uma ciência interpretativa à procura de significado, formada por construções simbólicas e fundamentada no compartilhamento das ideias, na “teia de significados”, que são amarradas coletivamente. Conforme Seyferth (2011, p. 47), identidade e cultura são fenômenos entrelaçados que podem ser observados nos estudos sobre migração e imigração.

Ao buscar compreender as tensões existentes na formação identitária da Colônia Amola Faca, Virmond, tais conceitos vão direta ou indiretamente estar relacionados às questões postas, ampliando significativamente as possibilidades de compreensão de fenômenos que se apresentam e se sobrepõem na formação deste grupo identitário, como fios que tecem uma história, ora visíveis, ora invisíveis aos nossos olhos.

Desenvolvimento

Completando seu primeiro centenário, a colonização da Colônia Amola Faca, Virmond, localizada no Terceiro Planalto Paranaense, nos Campos de Guaruava, Paraná, se dá no início do século XX, a partir do ano de 1921, no contexto das imigrações europeias e das políticas imigrantistas brasileiras, oficiais ou não. Colonizada por poloneses que deixaram seu país de origem marcado pelas imposições de nações imperialistas - Prússia, Áustria e Rússia -, os imigrantes integraram o contingente americano, onde buscaram se estabelecer a partir do século XIX. O grupo que integrou a referida colônia, são tanto imigrantes vindos diretamente da Polônia, como reemigrantes, partindo de outras colônias onde haviam se estabeleci-

dos num primeiro momento, indo depois em busca de mais terras e oportunidades. Assim como os demais grupos étnicos, os poloneses vão delinear uma nova vida, marcada por experiências que vão situar sua própria existência, sua família e seu grupo de pertença.

Alegra-nos porque o Senhor perguntou se a colônia é povoada apenas por poloneses. Ecoa dessa pergunta o desejo de estar junto com outros poloneses, porque então se tornam mais fáceis a igreja e a escola, com a preservação da própria nacionalidade. (Jornal LUD, 1922, nº 3, p. 3-4).

A citação acima integra um texto publicado no jornal polonês LUD, de Curitiba. Trata-se de uma carta resposta escrita pelo responsável da colonização da Colônia Amola Faca, Ladislau Radecki, a um questionamento feito a ele. A partir desta carta podemos extrair pelo menos duas reflexões: primeira, a intenção de responder à pergunta, ou possível pergunta, via meio de comunicação e levar a resposta a outros possíveis colonos interessados em adquirir terras na referida Colônia, demonstrando um caráter propagandístico, já que os jornais foram importantíssimos nesta questão. A segunda reflexão, que nos interessa neste momento, é o caráter identitário bem marcado no texto - “apenas por poloneses”, “desejo de estar junto com outros poloneses”, “preservação da própria nacionalidade”. E é nesta reflexão que apoiaremos nossas discussões, buscando tratar da formação identitária na Colônia Amola Faca, Virmond.

A referência “apenas por poloneses” pode estar demarcando uma fronteira, estabelecendo quem é bem vindo, quem pode fazer parte, limitando a existência de um grupo e naturalmente afastando outros, estabelecendo limites entre identidade e diferença. De acordo com Barth (POUTIGNAT, 1998, p.189), as fronteiras étnicas são mantidas segundo um conjunto ilimitado de traços culturais que entram em disputa no momento de interação social entre os grupos. A construção e manutenção das fronteiras étnicas representam jogos de interesse, em que entram em disputa códigos e diferenças culturais significantes para a comunidade.

Na construção identitária, a tensão entre os termos identidade e diferença pode persistir pois, quando ao definir-se como polonês, está automaticamente afirmando que não é brasileiro, tampouco imigrante de outra nacionalidade, mas está delimitando seu espaço, seu campo simbólico de poder. De acordo com Silva (2000, p. 83), identidade e diferença são interdependentes, impostas, nunca inocentes, são objetos de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados no poder que buscam garantir privilégios. Fixar identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. Normatizar sig-

nifica eleger arbitrariamente uma identidade como parâmetro, a partir da qual as outras são avaliadas e hierarquizadas. O “desejo de estar junto com outros poloneses” e a “preservação da própria nacionalidade” retratam a eleição desta identidade como parâmetro, demonstram o sentimento de pertença, o desejo de reproduzir os símbolos que contribuem para sua estabilidade e para desenvolvimento deste grupo.

Tratando-se de um grupo de imigrantes, precisamos compreender na identidade a categorização de identidade étnica e a etnicidade. De acordo com Barth (POUTIGNAT, 1998, p.189), um grupo étnico passou a ser definido como forma de organização social em populações cujos membros se identificam e são identificados como tais pelos outros, instituindo assim as fronteiras étnicas, enquanto que a etnicidade expõe características fundamentais dos processos de reafirmação de traços étnicos e suas manifestações, colocando-os em oposição a outros que se encontram fora do contexto da comunidade. A manutenção de fronteiras é tratada sob uma perspectiva central, na medida em que a sua existência permite reforçar as noções distintas *dentro/fora*, *nós/eles* e delimita a convivência das próprias diferenças no interior destas fronteiras. Somente nesses espaços os atributos culturais adquirem valor expressivo; parece assim defender que a existência de fronteiras, antes de significar uma barreira interposta entre *nós* e *eles*, possibilita a preservação de um espaço necessário para o fortalecimento de laços comuns, que estão na essência de comunidades e grupos étnicos e a constituição de uma substância através da qual interagem com aqueles que estão além destas fronteiras.

A busca por constituir uma colônia “puramente polonesa” objetiva reafirmar os traços étnicos, fortalecendo os laços comuns, expressos na língua, nas tradições e na religião. Ao desembarcar no Brasil, o imigrante traz consigo o sentimento de nação que o liga à terra natal, um sentimento nacional que age como delimitador de sua comunidade étnica: o fenômeno da polonidade. A formulação da polonidade é uma criação da intelectualidade polonesa no contexto da emergência dos nacionalismos europeus, com as especificidades da falta do estado, considerando que a Polônia tinha perdido sua autonomia.

Em 1795, após o terceiro desmembramento de seu território, a Polônia perdeu sua autonomia e foi riscada do mapa das nações independentes, dividida entre três potências - Prússia, Áustria e Rússia -, as quais puseram em ação um lento e progressivo processo de despolonização. No auge da imigração para o Brasil, a Polônia inexistia enquanto Estado autônomo, porém, “embora sob domínio de outras potências, os poloneses, contudo, continuavam a existir, e assim cada vez mais fazia sentido a canção patriótica: a Polônia ainda não está perdida, enquanto nós vivermos – Hino Oficial Polonês”. (STAWINSKI, 1976, p. 21)

O imigrante se vê como parte de uma identidade que tem um passado comum, fora obrigado a deixar sua terra natal e ao mesmo tempo tem um destino comum, a possibilidade de reconstruir sua vida. Na bagagem, além de sonhos, traz experiências individuais e coletivas que contribuíram para formar as bases das colônias, definindo posições e estratégias de permanência na nova pátria.

Longe de sua terra natal, estaria logo alicerçado pelas sociedades-escolas e pela Igreja. Estas instituições representariam o desejo da maioria, com objetivos comuns que iam desde a religião com a construção de uma igreja e o estabelecimento de um padre na Colônia, a educação e o que se refere ao sistema de ensino escolar para seus filhos, a organização de cooperativas agrícolas com busca por melhores preços, sementes e maquinários, o lazer com a organização de atividades culturais e especialmente um ambiente de convivência e manutenção de suas tradições.

O polonismo evocava a manutenção da cultura polonesa, a “preservação da nacionalidade polonesa”, sendo constitutivo dos projetos de colonização. Os porta-vozes deste polonismo são os intelectuais (professores, imprensa), o clero e, posteriormente, os diplomatas. No mesmo artigo do *Jornal LUD*, exposto no início deste trabalho, na continuidade do texto, temos o seguinte a respeito da construção da escola: “Se até agora a escola não foi aberta, com certeza em breve será aberta, e certamente também haverá alguém para ensinar às crianças a religião e as orações polonesas.” Em outra edição, do mesmo jornal, no mesmo sentido temos ainda: “é tarefa nossa semear o ensino entre as nossas crianças, isto é, manter uma escola própria e elevar o espírito polonês” (*Jornal LUD*, 1926, n. 29, p. 2).

O “ser polonês” significava também ser católico, que se confundia com o próprio sentimento de patriotismo, de modo que os ensinamentos dos valores cristãos eram fundamentais para os colonos na afirmação de seu grupo de pertença. Como a escola, a igreja era também tida como prioridade, vista como força de agregação: “Para a igreja estamos sempre recolhendo donativos e se Deus quiser no final deste ano vamos começar a preparar a madeira e então iniciaremos a sua construção, sem a qual já nos sentimos aqui como estranhos e selvagens” (*Jornal LUD*, 1924, nº 42, p. 2-3). A igreja os tornava iguais, os fazia sentir em comunidade e ao mesmo tempo diferente de outros grupos, aos quais não desejavam se assemelhar, e ainda representava segurança e abrigo num ambiente ainda estranho.

O clero polonês fortalecia entre os colonos um sentimento de identidade nacional e a memória de suas raízes, importante para o contexto vivido. Neste sentido também pode ser entendida a importância para os colonos de se construir uma igreja, que viria a ser o local de encontro, de apoio. Ir à missa significava também integrar-se à comunidade, comunicar-se com outras pessoas. Era quando os colonos

aproveitavam para efetivarem a troca de conhecimentos, de experiências acerca da organização, do cultivo e do trabalho em geral nas suas propriedades, visando garantir a sobrevivência em um país desconhecido. Por outro lado, a confraternização religiosa representava também uma fuga do cotidiano, marcado pelo distanciamento de seu país de origem e nas adversidades de um outro mundo que precisavam construir (CAPRI, 2003, p. 111).

No arcabouço das experiências, no passado comum, estava o fato de a imigração não ter sido necessariamente uma escolha livre, pelas condições em que se encontravam no país de origem, que havia ficado à margem do desenvolvimento proporcionado pela industrialização nos demais países do continente europeu na era da modernidade. Um país sob o jugo das nações austríaca, russa e prussiana, que ocupavam seu território, ditando políticas imperialistas que feriam os sentimentos nacionalistas de uma imensa população que, além de tudo, estava vivendo em condições econômicas miseráveis. Desta forma é preciso refletir também sobre sua identidade pré-imigratória, identidades fragmentadas, indivíduos privados por vezes de suas sociabilidades, de sua religiosidade, de seu idioma, da produção de condições econômicas necessárias à sobrevivência, da mesma forma das condições sociais e políticas, sem garantias de um futuro certo, obrigados a repensar sua trajetória e embalados pela propaganda migratória buscando replanejar suas vidas - condições bem visíveis no caso polonês.

Qual era afinal sua identidade? O que esses poloneses tinham em comum? O que desejavam manter na nova identidade que assumiriam? Conforme Silva (2000, p. 96), identidade não é essência, não é um dado ou um fato. Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. Nem é homogênea, definitiva, transcendental. É uma construção, um efeito, um processo de produção, instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. Está ligada a estruturas narrativas, discursivas, a sistemas de representação. Tem conexões estreitas com o poder. Um exemplo dessa construção, dessa estrutura, pode ser visto num trecho retirado de um texto publicado numa edição do jornal *Gazeta Polska w Brazylii*, em idioma polonês, assinado por Vicente Olszewski, citando o colono polonês da Colônia Amola Faca, comparando-o com o da Colônia Água Branca:

Não longe da cidade de São Mateus, ao norte, em direção a São João do Triunfo, situa-se a colônia Água Branca, que foi fundada em 1890 e é uma das mais antigas colônias polonesas no Paraná. Os moradores são algo em torno de 160 famílias, além daqueles que residem nas matas da região, que são mais ou menos umas 110 famílias.

Os colonos são bastante abastados. Diversas famílias saíram dessa colônia para Amola Faca, em razão da falta de terra. [...]

O tipo do colono é interessante. Arruaceiro e tagarela sempre muito convencido. Uma vez encontrei na colônia Amola Faca um sabichão desse tipo. Imediatamente e sem dificuldade se pode reconhecer que provém de Água Branca. Tão tagarela que cinco mazurianos da região de Gorlice¹ não poderiam superá-lo. [...] (Jornal Gazeta Polska w Brazylii n. 19, p. 6-7, 1931). grifo meu.

A estrutura discursiva desta citação vem carregada de adjetivos, os quais podem significar uma forma de se reconhecer entre os seus, de se vangloriar, ou também uma expressão carregada de estigmas, de traços comuns na personalidade que os envergonhariam. Percebe-se ainda o aspecto fragmentário e múltiplo das identidades, na medida em que um polonês torna-se crítico de seus conterrâneos, evidenciando uma vez mais a amplitude do conceito de identidade. A crítica ao conterrâneo demonstra ainda o conflito identitário vivenciado, ora identificando-se como parte de um mesmo grupo estando no Brasil, ora mantendo traços hierarquizantes realçando as diferenças existentes conforme seu local de origem.

Muitos desses imigrantes antes da partida se identificavam apenas com sua aldeia ou comunidade local e depois de chegarem à América vão se descobrir e a se denominar como poloneses, como pertencentes a um lugar comum, mesmo vindos de diversas partes da Polônia, ocupada então por potências diferentes e sob seu jugo, com costumes, leis e dialetos variados. Essa identificação como poloneses foi importante naquele contexto, pois “o que se pode observar em todas essas situações é que o fato de serem coletivamente nomeados acabou por produzir uma solidariedade real entre as pessoas assim designadas, talvez porque, em decorrência dessa denominação comum, eles fossem coletivamente o objeto de um tratamento específico” (POUTIGNAT, 1998, p. 145).

Se para os que imigraram era importante a manutenção das tradições, para as crianças nascidas dentro das esferas da colônia, cercadas pelas muralhas da identidade daquele grupo, a percepção não era a mesma, pois o mundo que conheciam estava dentro dos limites daquele espaço, especialmente quando se tratava de colônias mais afastadas geograficamente dos centros povoados, como era a Colônia Amola Faca. Essa percepção somente se dá quando extrapolam os limites do grupo, com a chegada de outras pessoas e principalmente com sua saída, geralmente para continuidade dos estudos, conforme vemos no trecho desta entrevista: “Esses traços culturais específicos não são percebidos quando somos crianças, somente com o passar do tempo, conseguimos identificar essas diferenças entre outras culturas, como as especificidades na fala, nomes de objetos, ou até mesmo forma de se ex-

¹ Mazurianos: Grupo étnico Masuriano, polonês, colonizadores da Masóvia. Gorlice: região localizada na Galícia, na Polônia.

pressar.” (Kominecki, 2015).²

Conforme Lesser (2001, p. 20), uma identidade nacional única ou estática jamais existiu: como um conceito mergulhado em fluidez, a própria identidade se abriu para pressões vindas tanto de baixo quanto de cima. Embora sempre houvesse um discurso por parte da elite com o propósito de fazer com que os imigrantes aceitassem a identidade nacional, os imigrantes de todas as origens e seus descendentes desenvolveram maneiras de se tornarem brasileiros a seu modo. Temos assim uma identidade baseada na “negociação”, termo bastante utilizado por Lesser em seu estudo sobre a formação da identidade dos imigrantes orientais, mas que podemos tomar emprestado ao tratar de outras imigrações, inclusive a europeia. Quando o imigrante chega ao Brasil se depara com uma realidade diferente de seu país ou do que imaginou, e é nesta nova realidade que vai ter que se adaptar, “negociar” sua permanência, sua existência enquanto grupo de pertença. Nesse processo de negociação está a tentativa de manutenção das tradições, da língua, com a adaptação aos novos modelos impostos pela nação brasileira. Ainda conforme Lesser (2001, p. 20), “as areias movediças da nacionalidade e da etnicidade revelaram-se frequentemente nas discussões sobre a conveniência de se receber determinados grupos de imigrantes.”

De acordo com Bauman (2005, p. 17-18), tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

O pertencimento, a adoção de uma identidade, em dado momento pode ser estigmatizante, pode fazer com que seus integrantes se sintam estrangeiros na terra em que nasceram, sintam-se o “outro”, o *outsider*, usando os termos de Norbert Elias, (2000). Esta situação pode ser percebida na Colônia pelos seus fundadores, antigos moradores, que se sentiam protegidos dentro das muralhas de seu pertencimento.

Mas o que era refúgio poderia passar a ser constrangimento em alguns momentos, não muito diferente de outras colônias. Um exemplo dessa situação pode

² Alessandro Kominecki nasceu em 1989, sendo descendente (tataraneto) de Martim Kominecki e Justina Glos, que vieram de uma região do antigo Império Austro Húngaro em 1890, no decorrer da febre imigrantista, fugindo de perseguições e motivados pelas propagandas que mostravam as ricas terras brasileiras. Chegando ao Brasil, foram encaminhados para o Paraná, fixando-se em Prudentópolis, onde encontraram seus conterrâneos já estabelecidos. Em 1922, em Prudentópolis, nasceu o bisavô de Alessandro, o Sr. Francisco Kominecki, e em 1943 casou-se com Ana Troski na Colônia Amola Faca – Virmond. Em 1946 nasceu na Colônia Miguel Troski Kominecki (avô de Alessandro). O primeiro filho de Miguel nasceu em 1968, Silvestre Kominecki, pai de nosso entrevistado, Alessandro. Entrevista concedida em dez. de 2015.

ser percebido no Governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930, com a intensificação das políticas nacionalistas³, que contribuiu para que os imigrantes se sentissem excluídos: “Por causa da determinação de Getulio Vargas, que proibia a língua estrangeira no país, então a gente era, num certo ponto, bastante discriminado por ser polaco, porque chamavam a gente de polaco comedor de broa azeda, e polaco não sei o que.” (ORZECHOVSKI⁴, 2015).

Nesse período de construção nacional pôde-se ver a “faca” da identidade brandida cortando dos dois lados: em defesa de línguas, memórias, costumes e hábitos locais menores, contra os da nação, que promoviam a homogeneidade e exigiam uniformidade, representados por uma “cruzada cultural”, defensores da unidade nacional que pretendiam extirpar o espírito provinciano, o paroquialismo, das comunidades ou etnias locais (BAUMAN, 2005, p. 83).

Se adotar uma identidade é sinônimo de tranquilidade, de amparo, por outro é como estar preso a uma insígnia que faz com que o imigrante se envergonhe, que o faz se sentir “menos”. São muitos os estigmas calcados na mente dos imigrantes, como ser chamados de “polaco azedo”, “polaco sem bandeira”, “polaco e colarinho branco não se quadram”, “polaco burro”, entre outros, além das inúmeras piadas e zombarias que produziam um sentimento de minoridade, um desprezo por parte do outro. Estar inserido dentro de uma fronteira desta forma pode ser uma “faca de dois gumes”.

O preconceito em razão da identidade Polonesa foi e está bastante presente em minha vida, desde criança estudando nos anos iniciais, como também no período de graduação. Falas maldosas, preconceituosas eram lançadas em função das minhas formas de se expressar, vestir, se alimentar e falar, etc. Geralmente as pessoas associavam o polonês, ou polaco como algo engraçado, atrasado, que poderiam fazer brincadeiras, deboches, tanto pelos traços culturais poloneses, quanto pela identidade camponesa, porque morei no campo até os dezoito anos.

Na faculdade foi a mesma coisa, as pessoas se referiam com o termo “olha o polaco do Virmond”, “polaco”, “polaquinho”, “cracóvia” “Varsóvia” etc. Termos direciona-

³ Conforme Seyferth (p.90, 1990), a campanha de nacionalização eliminou possibilidades reais de manutenção da identidade de grupos de imigrantes estabelecidos no Brasil, ao proibir nas instituições o idioma estrangeiro. Desta forma pretendia-se impor valores nacionais aos brasileiros, em detrimento do sentimento de pertencimento ao seu país de origem. O governo federal impôs uma legislação educacional que previa a transformação da sociedade brasileira. Dentro de uma realidade formada por uma diversidade étnica propunha-se uma padronização social construída nos moldes dos projetos federais, forjando uma identidade brasileira.

⁴ Julia Ludimila Krygier Orzechowski é neta de Henrique Radecki – responsável pela Colonização, filha de Sofia Radecki e Henrique Krygier - no início da colonização ajudou abrindo picadas, e em 1923 começou a trabalhar como professor. A contribuição das diferentes gerações aparece na história da Colônia Amola Faca – Virmond. Neste trabalho ainda aparece o nome de sua filha, Amilce Magna Orzechowski Gergeli.

dos a mim que nunca dei muita atenção, tinha consciência que são traços culturais, e que permaneceriam comigo a minha vida toda. (KOMINECKI, 2015).

Para a criança especialmente, essa é uma situação confusa, até porque ela sequer entende o significado dos ditos, como por exemplo “polaco sem bandeira”, não conhece a história do país de origem de seus ancestrais. Nasceu dentro de um grupo de pertencimento, se sente ridicularizada pelo outro, pelo “estabelecido”, vivendo em uma comunidade pequena, não imaginava que existissem tantos “polacos” no estado, no país, e queria ser qualquer coisa, menos “polaca”.

De acordo com Bauman (2005, p. 83), ainda dentro da construção da identidade nacional, o próprio patriotismo nacional agiu em duas frentes: contra o “particularismo local”, em nome do destino e dos interesses nacionais compartilhados; e contra o “cosmopolitismo sem raízes”, que via e tratava os nacionalistas da mesma forma que os nacionalistas viam e tratavam os “provincianos grosseiros de mente limitada” pela sua lealdade étnica, sua língua, suas tradições.

Com o passar das primeiras décadas, a Colônia começa a receber outras pessoas, de diferentes origens, e aí é que se percebe o embate entre as diferentes identidades. Com a abertura da Estrada Estratégica, hoje a BR 277, a Colônia recebeu um grande contingente de trabalhadores vindo de outras regiões do Brasil, o que favoreceu também o desenvolvimento do local, especialmente no setor econômico. Porém, em se tratando de culturas diferentes, o cotidiano muitas vezes vai ser marcado por situações conflitantes, entre adultos e crianças, conforme podemos verificar na entrevista da Sra. Julia Orzechowski:

Veio bastante influência de fora, naquela época que estavam construindo a BR, só que naquele tempo não era BR era estrada estratégica, e daí veio bastante gente lá do norte, baiano, pernambucano, e era tudo gente de cor escura, então era uma briga na escola que só vendo, a gente se agarrava pelos cabelos e se batia por causa que era chamado de polaco. Até um dia eu fui defender a minha prima que tava brigando com a S. C., que era morena e a A.R. que era brancona, como é até hoje, quase que a S. C. arrancou todos os cabelos da A. R., e daí, sei que abriu a blusa, que era aberta nas costas, ela rasgou a blusa, ficou quase sem roupa na escola, foi uma briga terrível e pra quem entrou no meio sobrou também. Outra vez, também na escola a Z. R. me arrancou o meu cabelo, eu tava na escola fazendo conta e a professora, Irmã Margarida, mandou que eu fosse na sala abaixo, no segundo ano, que eu tava no terceiro naquele tempo, buscar uma menina pra fazer conta, pra mostrar que sabia fazer. Daí eu fui lá e trouxe a dita menina, e ela tava fazendo no quadro, e cheguei com a menina e me encostei no quadro e fiquei observando ela fazer, porque a irmã levava todos nós, junto na frente pra aprender a fazer as contas, daí ela me pulou, eu usava aquele coque torcido na frente, me pulou e me tirou um

montão de cabelo da frente, que eu tive que mudar o penteado pra tampar aquele buraco que ficou na frente, e também por ser polaca. Me chamou de “o polaca suja”, daí apanhou da irmã, que teve que pegar a régua pra bater nela, pra ela me largar. E assim era todos, e tinha um menino, não lembro o nome, sei que o pai dele era estrangeiro e eles moravam lá na entrada da Lagoa Bonita, e ele não sabia falar o português, falava em polonês, e eu ajudava a ele, ensinava ele a ler e as outras meninas chateavam, ficavam rindo, dele e também de mim, porque que os polacos tão se confessando elas diziam, porque a gente ficava só os dois conversando, então diziam, tão se confessando. Havia discriminação das pessoas que eram de alguma naturalidade diferente né, então criou aquela aversão, que nós chamava os outros de nego, de arigó, e ficavam louco, e nós ficava louco por causa dos polaco, e assim ia. (ORZECHOVSKI, 2015).⁵

O campo de batalha é o lar natural da identidade, em que o próprio conceito de identidade é contestável, pois só aparece no tumulto da batalha, nas tensões do cotidiano e dorme silenciando-se quando os ruídos desaparecem. Assim não se pode evitar que ela corte dos dois lados, é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação, uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa por ser devorado (BAUMAN, 2005, p. 83-84).

Quando questionado sobre a atitude tomada nas situações de enfrentamentos, nos momentos em que se sentia “discriminada”, a nossa entrevistada Sra. Julia Orzechowski responde com certezas construídas dentro das fronteiras de suas experiências: “Acabava sendo discriminada, mas procurava não criar rixa, que nem essa S. C., era minha melhor amiga, mas como diz, na amizade não se misturava cor, e minha mãe sempre dizia, não pode, e citava o exemplo de minha avó tinha uma raiva de gente escura”.

Para Bauman (2005, p. 85), ainda, as batalhas de identidade ao realizar sua tarefa de identificação acabam por dividir tanto quanto ou mais do que unir, suas intenções includentes se misturam ou se complementam com suas intenções de segregar, isentar e excluir. Continuando a conversa, Dona Julia faz outras referências a sua avó: “Tinha a Dona J. e as outras mulheres que eram da construção da estrada e vinham na casa da Baxca (irmã - Barbara), pra tomar chimarrão como era o costume de um ir visitar o outro, a vó ficava louca de braba, e dizia porque vieram aqui, já tão falando em português”.

Depois da construção da Estrada Estratégica, outras construções contribuíram para a vinda de trabalhadores de outras etnias, como a Usina Hidrelétrica do Rio Cavernoso, iniciada no final da década de cinquenta e inaugurada em 1965. Po-

⁵ Na transcrição da entrevista preferiu-se utilizar somente letras iniciais, substituindo os nomes das pessoas.

rém, ao concluírem os trabalhos, os trabalhadores foram embora em busca de novas oportunidades, e já na década de setenta existiam poucas pessoas que não eram de origem polonesa.

Embora possa variar muito a origem do poder em que se fundamentam e se estruturam o sentimento de superioridade do grupo estabelecido em relação ao grupo de fora, a própria figuração, estabelecidos - outsiders, mostra em muitos contextos diferentes, características comuns e constantes (ELIAS, 2000, p. 22). Nos casos observados, é possível verificar que ora os imigrantes poloneses, bem como seus descendentes, experimentaram situações de estigmatização, ora agiram com atitudes semelhantes para com os outros grupos. Esses estigmas são utilizados geralmente em nome do grupo de pertença, não por rivalidade pessoal de um indivíduo com outro, mas por pertencerem a um determinado grupo considerado diferente ou inferior.

Conforme Elias (2000, p. 23-24), a pré-condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo contra o outro é o equilíbrio instável de poder com as tensões que lhe são inerentes. Um grupo só pode agir desta forma em relação ao outro, quando está seguro em sua posição de poder, excluindo o outro. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos outsiders pode fazer-se prevalecer, afixando-lhes o rótulo de “ser humano inferior”, penetrando-lhe na autoimagem, enfraquecendo-o, desarmando-o. Consequentemente, a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio de poder existente em uma sociedade e de excluir desse poder os outros grupos, aí podendo, nessa inversão, acontecer uma retaliação por parte do grupo que fora excluído anteriormente. Enquanto os moradores da Colônia Amola Faca se constituíam como grupo homogêneo, mantendo sua polonidade, falando seu idioma no cotidiano, com uma escola ensinando neste idioma, sentiram-se de certa forma estabelecidos, e enfrentamentos com outros grupos que os desestabilizassem eram incomuns, razão pela qual podiam sentir-se seguros dentro das fronteiras estabelecidas. Mas no momento em que acontece a campanha de nacionalização, especialmente com a proibição da língua estrangeira, aliado ao fato de que a Colônia começou a se desenvolver, e a circulação de pessoas de nacionalidade diferente da sua aumentou, suas muralhas balançaram, fazendo com que os descendentes se sentissem como estrangeiros na terra em que nasceram. Nas tensões de diferentes momentos, os atores estigmatizadores mudam de papel: ora sentem-se confortáveis no seu grupo de pertença, ora gostariam de não fazer parte deste grupo. Nesse espaço as diversas identidades se tensionam como num campo de batalha.

No projeto de polonidade, ao lado da igreja e da escola - uma nos ritos e outra no currículo- faziam-se transparecer as tradições, em que a família foi fundamental na manutenção dos laços identitários, na construção das memórias individuais e coletivas. Uma memória que continua sendo reavivada e compartilhada nas gerações precedentes, com maior ou menor intensidade, mas continuam vivas.

Nunca fiz questão de mudar minhas ações acerca das atitudes que presenciava, pois estaria deixando para trás toda minha cultura. (...) Não devemos ter vergonha, ou agir de forma apática acerca da carga cultural que herdamos de nossos antepassados, temos que lembrar que nossas gerações construíram com o tempo uma história, e temos que mantê-la, preservá-la para as próximas gerações que ainda estão por vir e que poderão nos questionar a respeito da história construída pela família no decorrer do tempo. (KOMINECKI, 2015).

Em casa os costumes da Polônia vinham em primeiro lugar, por exemplo, no natal, tinha um pinheirinho que ia até o teto, o pai comprava os enfeites, aquele tempo enfeitava com chocolate, então ele comprava em Curitiba vários tipos de chocolate para colocar no pinheirinho, aí depois que o Papai Noel vinha, que a gente cantava, dançava e rezava, era tudo junto, então ele distribuía os chocolates do pinheirinho pra todos que estivessem ali. Eles convidavam os vizinhos de mais perto, os tios, os primos e todos vinham, pelo menos os filhos, se não viessem toda família, pra comemorar juntos. Também a Páscoa, e 3 de maio que era não sei o que da Polônia, não lembro mais, mas era alguma coisa da Independência da Polônia. Eles tinham as festividades deles. (ORZECHOVSKI, 2015).

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável, e isso jamais termina. Assume-se uma identidade num dado momento, mas muitas outras estão à espera, aguardando para serem escolhidas (BAUMAN, 2005, p 91). Com a chegada de outros moradores na Colônia e seu consequente desenvolvimento, outras relações vão se estabelecendo, entre antigos e novos moradores, poloneses ou não, proporcionando uma troca cultural permanente.

Continuidades no desejo da manutenção da identidade étnica ainda podem ser visíveis em alguns descendentes, tanto em casa como na comunidade, como neste depoimento de uma descendente de segunda geração:

Tenho orgulho de ter, de seguir essas tradições, até em casa às vezes a gente faz alguma comida que é do tempo que a mãe dizia que era polonesa, eles dão risada (filhos, marido) e eu digo, vocês não querem comer não comam, eu vou fazer, eu gosto. Batatinha com leite coalhado, por exemplo, eles ficam com nojo. (...)

Na Sexta-Feira Santa, havia uma hora de oração, nós cantava em polonês, tinha a D. Bina, a Helena, o Geraldo, e nós cantava em polonês. Eu assim, não sei o que estou cantando, mas se eu pegar uma folha eu consigo acompanhar, porque acabei aprendendo, sei que é música de quaresma, de igreja, mas não sei o que estou falando.

(GERGELI, 2015).

Na segunda parte da fala da entrevistada, pode-se refletir acerca dos fundamentos na fala “não sei o que estou falando”, e talvez questionar qual o sentido disso, o porquê de continuar repetindo uma tradição, cantar em polonês, se nem mesmo sabe a tradução da canção. Conforme Bauman (2005, p. 97), “você diz ‘falsas identidades’... mas só pode dizer isso pressupondo que exista algo como uma única ‘identidade verdadeira.’”

Nesse processo de constante reavivamento de memória e construção identitária estão as “famílias antigas”, não necessariamente referindo-se à idade, mas por parentesco com os imigrantes, que se ligam entre si por afinidade, por laços de intimidade emocional, incluindo velhas amizades e também conflitos, experiências e vivências comuns de um grupo que permaneceu por longo tempo junto.

Conforme Elias (2000, p. 165), quando se estuda uma comunidade deve se ter a especificidade de acompanhar uma rede de relações estabelecidas entre as pessoas que se organizam como uma comunidade residencial conforme o lugar onde vivem. As relações são estabelecidas quando as pessoas negociam, trabalham, rezam ou se divertem juntas, mas também estabelecem relações quando moram num mesmo lugar, quando constroem seus lares num mesmo local, pois as interdependências que se estabelecem entre elas como criadoras de lares e de suas famílias são especificamente comunitárias. Em essência as comunidades são bairros, vilarejos, aldeias, entre outros, e podemos imaginar que são constituídas por mulheres, crianças e homens. Mesmo considerando que o autor citado não se referia a comunidades de imigrantes, o entendimento sobre a construção de uma comunidade contribui para nossas reflexões. Com o tempo as pessoas que vivem na colônia criam laços entre si, que podem se constituir inclusive em fios invisíveis, mas naturalmente a proximidade gera sociabilidades estreitas, confiança e solidariedade. Laços que são mantidos com o passar dos anos, pois, mesmo entremeados com novas ideias, experiências, crenças, modos de vidas diferentes trazidos por novas pessoas que passam a se estabelecer no local e com as quais convivem, se relacionam e criam vínculos diversos, ainda assim se mantém forte afinidade com o primeiro grupo, portando memórias coletivas, como podemos ver:

Existe uma amizade entre as pessoas, entre quem ainda fala um pouco a língua. Por exemplo, eu vejo a mãe e as mais antigas, quando se reúnem e conversam, é uma coisa diferente, ainda conversam em polonês, pouco mais conversam. Eu nunca tive oportunidade de aprender, a mãe nunca teve tempo de ensinar. Quando vão na casa, conversam a gente quer saber o que elas estão conversando. O Julio Cezar

(neto de D. Julia) que fica fazendo perguntas, quer saber tudo. Aí elas contam, ensinam, por exemplo, o nome de alguma comida. A mãe continua contando pros netos sobre as tradições. (GERGELI, 2015).

Os residentes mais antigos, ou seus descendentes, atribuem geralmente um grande valor as tradições, buscando transmitir continuamente essas tradições que os distinguem enquanto grupo para outras gerações, criando e recriando identidades.

Além da possibilidade da continuidade dos costumes pelo grupo familiar através das gerações, busca-se em outras instâncias preservar o status e a sustentação das tradições. Um exemplo são organizações específicas, como a BRASPOL, Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil, criada no dia 27 de janeiro de 1990, que tem representação em várias regiões do Brasil onde se encontram descendentes de imigrantes poloneses, como é o caso também do Município de Virmond, antiga Colônia Amola Faca:

Meu envolvimento com a BRASPOL iniciou desde menina, porque a mãe sempre estava envolvida e a gente sempre estava junto com ela desde a criação, que no município foi em 1995. Depois ficou um tempo parado, então os mais novos começaram. Hoje a Braspol tem um grupo de dança folclórico entre outras atividades no município. (GERGELI, 2015).

A BRASPOL no município de Virmond desenvolve algumas ações de preservação da cultura polonesa, como a manutenção de um Grupo de Dança Folclórica, participações de ritos específicos na Igreja Católica, especialmente no Natal e na Páscoa, e o Jantar do Pirogue (pierogi), comida típica. Essas ações representam uma tentativa de reavivar tradições que por algumas décadas ficaram esquecidas.

O caráter dinâmico da sociedade e da própria identidade são sentidos pelos descendentes, especialmente da 3ª e 4ª geração, motivados pela perspectiva histórica contemporânea ao reavivar suas origens. Conforme Kominecki (2015), “ao analisar esses traços culturais que se originam de meus bisavós, vejo um enfraquecimento, ou seja, as gerações que foram chegando demonstravam cada vez menos interesse pela cultura, não a seguindo. Um exemplo é minha mãe, ela entende tudo que minha avó fala em Polonês, mas não consegue responde-la na mesma língua.”

Considerações finais

As fronteiras identitárias no primeiro centenário da Colônia Amola Faca (Virmond) demonstram uma vez mais que os conceitos de cultura e identidade an-

dam juntos, aparecendo como híbridos e mestiços. A cultura encontra-se atravessada pela problemática da identidade, e esta, permanentemente em construção, uma construção naturalmente envolta em tensões.

Os questionamentos iniciais deste estudo aos poucos acabaram revelando singularidades encontradas especialmente nas fontes orais e impressas (jornais da época), o que tornou possível uma relação entre sujeitos de diferentes contextos, mas que aqui dialogaram sobre assuntos comuns e nos deram pistas sobre a construção da identidade da Colônia Amola Faca.

O diálogo estabelecido entre as fontes tornou possíveis reflexões mais ricas, contribuindo para fazer transparecer fatores de agregação e também de desagregação na busca pela manutenção da identidade étnica, um conjunto de tensões que buscamos reelaborar para responder a questionamentos, como: De que forma a identidade de um povo pode ser formada/mantida e/ou modificada/transformada de acordo com o contexto em que vive? Quais as tensões presentes na formação identitária e na constituição da Colônia Amola Faca - Virmond?

É visível a constatação de que a igreja, a escola e a família se constituíram como força de agregação na manutenção da identidade étnica. Era em torno da igreja que a vida parecia acontecer. Demarcando o centro da comunidade, ao seu lado estava a escola, e era no pátio também o lugar de encontro entre os seus, onde as sociabilidades se davam. A extensão da fé cristã encontrava espaço permanente nos lares, influenciando inclusive o currículo escolar.

Entre os elementos culturais que mais evidenciaram as fronteiras étnicas está a língua materna do grupo. Ao ser ensinada nas escolas, falada nos lares, escrita na imprensa e usada nas celebrações religiosas, manteve-se viva nas comunidades étnicas.

A influência das representações coletivas polonesas na formação/transformação do imaginário popular na Colônia Amola Faca – Virmond são evidentes, especialmente nas primeiras três a quatro décadas, quando se procurava manter o máximo de tradições, e eram poucas as pessoas fora do grupo de pertença na comunidade. Entre as possíveis razões para este apego estão a motivação que os fizeram deixar sua terra natal, o sentimento nacionalista presente na etnia polonesa e a forma pela qual muitas vezes o polonês foi tratado em território brasileiro, com situações carregadas de estereótipos que os desqualificavam frente às demais etnias, fazendo permanecer um sentimento de minoridade.

Mesmo com todo processo de integração, pode-se perceber que as tradições continuam presentes no cotidiano da antiga Colônia Amola Faca, atual município de Virmond, tanto nas vivências dos mais velhos como nas tentativas de preservar e até reviver tradições, que podem ser encontradas nas ações de instituições, como prefeitura e suas secretarias, escolas (estadual e municipal), Igreja Católica, BRASPOL e outras instituições sociais que buscam manter grupos de danças folclóricas, casa da memória, festas típicas,

cardápio, rituais nas missas, entre outros.

Fontes

GERGELI, Amilce Magna Orzechovski. Entrevistas concedidas à autora em agosto de 2015. Virmond.

Jornal Gazeta Polska w Brazylii, Curitiba. Diversas Edições.

Jornal LUD, Curitiba – Diversas Edições.

KOMINECKI, Alessandro. (Mensagem profissional). Mensagem recebida por: <selma_anjodaguarda@yahoo.com.br>, em novembro de 2015 e março de 2016.

ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevistas e exame de fotografias e documentos de seu arquivo pessoal, concedidos à autora em 1993, 2013 e 2015. Virmond.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

CAPRI, Elizabeth Johansen. *De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945*. Curitiba. 2003. 205 f. Dissertação. UFPR. Curitiba, 2003.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. RJ. Jorge Zahar, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 2008.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional*. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo. UNESP, 2001.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, L. M. & QUEIROZ, Renato Silva (Orgs.) *Raça e Diversidade*. São Paulo: EDUSP, 1996.

POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade - seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998, p.189.

SEYFERTH, Giralda. *A dimensão cultural da imigração*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N° 77 Vol. 26 n° 77 Outubro/2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 14/01/2013.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade

de Brasília, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

STAWINSKI, Alberto Victor. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul*. Canoas, La Salle, 1976.

Artigo recebido em 26/09/2019, aprovado em 14/11/2019.